



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO



ISABELLA GARCIA MORAIS

Resistindo nos escombros:

a infância palestina retratada nas fotografias de Mohammed Salem

MARIANA

2025

Isabella Garcia Moraes

Resistindo nos escombros:

a infância palestina retratada nas fotografias de Mohammed Salem

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para a obtenção de grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Frederico de Mello Brandão Tavares

MARIANA

2025

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

M827r Morais, Isabella Garcia.

Resistindo nos escombros [manuscrito]: a infância palestina retratada nas fotografias de Mohammed Salem. / Isabella Garcia Morais. - 2025.
63 f.: il.: color., tab..

Orientador: Prof. Dr. Frederico de Mello Brandão Tavares.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Israel. 2. Palestina. 3. Fotojornalismo. 4. Infância - Palestina. 5. Palestinos. I. Tavares, Frederico de Mello Brandão. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 364.65-053.2(569.5)

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - Bibliotecário Coordenador
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

Isabella Garcia Morais

Resistindo nos escombros:
a infância palestina retratada nas fotografias de Mohammed Salem

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Aprovada em 01 de abril de 2025.

Membros da banca

Prof. Dr. Frederico de Mello Brandão Tavares (Orientador) - Universidade Federal de Ouro Preto
Profa. Dra. Hila Bernadete Silva Rodrigues - Universidade Federal de Ouro Preto
Profa. Dra. Karina Gomes Barbosa da Silva - Universidade Federal de Ouro Preto

Frederico de Mello Brandão Tavares, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 06/06/2025.



Documento assinado eletronicamente por **Frederico de Mello Brandao Tavares, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 06/06/2025, às 15:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0925605** e o código CRC **C850C266**.

Às crianças palestinas que, mesmo vivendo em condições desafiadoras,
não perdem o brilho no olhar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que me ajudaram a chegar até aqui. Familiares, amigos e amigas, professores, cada um me ajudou à sua maneira, motivando-me quando eu não me sentia capaz de fazer este trabalho, me acolhendo nos momentos difíceis, ou orientando e ajudando a ter ideias. Sou grata, em especial, ao meu orientador, Frederico – nosso Fred – que me aceitou como orientanda e me conduziu até a entrega deste trabalho. Não foi um período fácil da minha vida, mas compreender que eu não estava só me deu fôlego para continuar rumo à finalização desse ciclo.

Da mesma forma, sou grata à Universidade Federal de Ouro Preto, que me permitiu conhecer novas maneiras de enxergar o mundo. As aulas, os projetos de pesquisa e extensão, as rodas de conversa e a comunidade acadêmica me proveram muito além do conhecimento técnico-científico, fazendo com que eu crescesse enquanto cidadã e ser político. Por isso, desejo vida longa à essa instituição e quem a mantém viva!

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo entender como as crianças palestinas estão representadas nas fotografias de um fotojornalista da mesma identidade nacional. O ponto de partida é a invasão do Hamas a Israel no dia 7 de outubro de 2023, que culminou em um conflito de quinze meses de duração até a assinatura de um acordo de cessar-fogo, em janeiro de 2025. Antes de chegar a um fotojornalista específico, outros profissionais palestinos são mencionados na pesquisa, em uma aproximação do objeto. Quando este é definido, a investigação toma um novo rumo e parte para a análise da estética dos escombros, uma constante encontrada nas imagens do fotógrafo, que também foram selecionadas a partir de um recorte temporal, de outubro de 2023 a outubro de 2024. Apesar da autora utilizar uma metodologia própria, alguns intelectuais são mobilizados para ajudar a refletir sobre a fotografia e as ruínas, entre outras questões que aparecem no desenrolar do trabalho. As discussões levantadas apontam para as particularidades encontradas na sociedade palestina e como isso afeta a infância. Neste sentido, as crianças adquirem complexas formas de representação e, em meio aos destroços, outras interpretações do real são construídas.

Palavras-chave: fotojornalismo; infância; Palestina; Israel; escombros.

ABSTRACT

This paper aims to understand how Palestinian children are represented in the photographs of a photojournalist of the same national identity. The starting point is the Hamas invasion of Israel on October 7, 2023, which culminated in a fifteen-month conflict until a ceasefire agreement was signed in January 2025. Before arriving at a specific photojournalist, other Palestinian professionals are mentioned in the research, in an approximation of the object. Once this has been defined, the investigation takes a new direction and moves on to analyzing the aesthetics of the rubble, a constant found in the photographer's images, which were also selected based on a time frame, from October 2023 to October 2024. Although the author uses her own methodology, some intellectuals are mobilized to help reflect on photography and ruins, among other issues that arise in the course of the work. The discussions raised point to the particularities found in Palestinian society and how this affects childhood. In this sense, children acquire complex forms of representation and, amidst the wreckage, other interpretations of reality are constructed.

Keywords: photojournalism; childhood; Palestine; Israel; debris.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mulher palestina segura sobrinha morta em bombardeio.....	14
Figura 2 - Menina palestina sentada em frente de casa destruída	16
Figura 3 - Criança palestina lança objeto contra tanque de guerra.....	16
Figura 4 - Menino palestino carrega galões d'água em um carrinho	17
Figura 5 - Fotografia 360° da cidade de Rafah após bombardeios.....	33
Figura 6 - Fotografias extraídas do perfil de Mohammed Salem.....	36
Figura 7 – Funeral das vítimas de um ataque aéreo em Rafah	38
Figura 8 - Reunião de palestinos em meio aos escombros	39
Figura 9 - Fotografia mostra duas mulheres e um menino nas ruínas de uma mesquita destruída em Khan Younis por um bombardeio israelense.....	41
Figura 10 – Mulher e menino observam transeuntes passando em frente de casa destruída ..	42
Figura 11 – Duas crianças interagem ao redor de uma fogueira	43
Figura 12 - Homem ferido deita-se sobre escombros ao lado de criança pequena	44
Figura 13 - Crianças palestinas em escola improvisada numa tenda	45
Figura 14 - Meninas sentadas próximo a uma casa destruída em Rafah.....	47
Figura 15 - Homens observam duas crianças brincando em frente à casa destruída em Khan Younis.....	48
Figura 16 - Homem carrega filhos enquanto caminha entre destroços em Khan Younis	49

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 - FOTOJORNALISMO E COBERTURA DE GUERRA	20
CAPÍTULO 2 - A CRIANÇA, A MÍDIA E A GUERRA	27
2.1. A representação da criança na mídia	28
2.2. A criança e os conflitos armados	29
CAPÍTULO 3 - A INFÂNCIA NOS ESCOMBROS	33
3.1. As crianças, por Mohammed Salem	38
3.2 Resultados e discussão	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53
ANEXO A – OUTRAS FOTOGRAFIAS SELECIONADAS NO PERFIL DE MOHAMMED SALEM	57

INTRODUÇÃO

O que motivou a escrita deste trabalho foi um fato internacionalmente conhecido: a invasão do Grupo Hamas a Israel no dia 7 de outubro de 2023. O ataque deixou mais de 1.000 mortos e 200 reféns do lado israelense, e foi amplamente divulgado como um ataque terrorista. Nesse dia, eu fazia 21 anos de idade. Como uma brasileira nascida no início dos anos 2000, as guerras e conflitos armados são distantes da minha realidade, mas ver diariamente notícias relacionadas a esse conflito me acendeu a vontade de mergulhar na história daquela região do Oriente Médio. Então, fiz disso meu projeto de pesquisa.

Inicialmente, minha ideia era analisar a cobertura jornalística do conflito feita pelo jornal *Folha de S. Paulo*, um dos principais periódicos do Brasil, para entender como estava sendo noticiado aqui. Só depois, quando entrei para a disciplina de TCC 1, é que percebi que não era bem isso que eu queria.

Em conversa com meu orientador, cheguei à conclusão de que gostaria de falar sobre a imagem de crianças palestinas vivendo em situação de conflito. Por mais dura que seja essa pesquisa – afinal, trata-se de imagens de crianças em um cenário de violência e vulnerabilidade extremas –, ela é necessária para um exercício de alteridade em relação ao povo palestino e reconhecimento da infância em um contexto de precariedade.

As imagens que serão analisadas aqui desafiam as narrativas hegemônicas que tentam explicar as vidas precárias. Para Judith Butler (*apud* Biondi, Marques, 2020, p.14)¹, as vidas precárias são aquelas sujeitas à injúria, agressão, rejeição e morte, causadas pela desigualdade social e violência. No caso das vidas palestinas, estão precarizadas pela impossibilidade da soberania enquanto povo e por meio das violências perpetradas por um Estado constituído (Israel) e grupos armados dentro do território reivindicado.

Carvalho (2022) retoma o panorama histórico da ocupação sionista na Palestina. Considerando o sionismo um movimento político internacional que tinha como objetivo a fundação de um Estado judeu, a autora mobilizou diversos pensadores para dimensionar o movimento desde sua criação no século XIX, a fundação do Estado de Israel em 1948, até sua repercussão nos dias atuais. O termo “colonialismo” também é usado para definir a relação entre Israel e os Territórios Palestinos Ocupados (TPO). Sobre as intenções de Israel para com os palestinos, a autora argumenta: “O plano consiste em exterminá-los, dissipá-los, expulsá-los,

¹ BUTLER, Judith. **Precarious Life**. London: Verso, 2004.

ou ainda, transferi-los para que exista somente uma nação judaica no que hoje é chamado de Estado de Israel. ” (Carvalho, 2022, p.39).

Com isso, percebe-se que os palestinos vivem uma espécie de *apartheid*, um regime social e político no qual seus direitos são frequentemente desrespeitados, com forte segregação étnica. Ainda que vivam no mesmo território que os judeus, o povo palestino continua ameaçado pelo sionismo e o colonialismo. Mesmo que esse conflito, em específico, tenha como ponto de partida a invasão do Hamas, não é possível concebê-lo de forma isolada. O ataque foi utilizado como pretexto para uma incursão das Forças de Defesa de Israel (IDF) no território palestino, em que os civis não foram poupados.

É neste sentido que a pesquisa busca explorar formas alternativas de representação do ser palestino na mídia, tendo a fotografia de crianças como objeto de análise. Parte-se da hipótese de que fotografias feitas por um profissional palestino contribuem para a humanização dessas pessoas na mídia, contrariando os estigmas associados a elas, como o terrorismo.

Recorrendo ao conceito de “rostos” proposto por Lévinas (1987)², Butler (2011) argumenta que o discurso em relação ao outro pode operar tanto para a humanização quanto para a desumanização:

Temos um paradoxo diante de nós, pois Lévinas deixou claro que o rosto não é exclusivamente um rosto humano e, mesmo assim, é uma condição para a humanização. Por outro lado, há o uso do rosto, no interior da mídia, no sentido de efetivar a desumanização (Butler, 2011, p.24).

A desumanização é um recurso utilizado para reiterar a posição das vidas precárias, relegando-as à marginalização e à subalternidade. Assim, há um discurso em torno do rosto, aqui entendido como porta para a alteridade – que, ao desumanizá-lo, torna a vida em jogo menos digna de reconhecimento.

Judith Butler também sugere que a representação do rosto dos grupos vulneráveis na mídia, quando humanizada, opera regimes de visibilidade, principalmente quando é feita por indivíduos que pertencem ao grupo:

Quando consideramos as formas comuns de que nos valem para pensar sobre humanização e desumanização, deparamo-nos com a suposição de que aqueles que ganham representação, especialmente autorepresentação, detêm melhor chance de serem humanizados. Já aqueles que não têm oportunidade

² LEVINAS, Emmanuel. **Ethics and Infinity**, tradução para o inglês de Richard A. Cohen, Pittsburgh, Duquesne University Press, 1985.

de representar a si mesmos correm grande risco de ser tratados como menos que humanos, de serem vistos como menos humanos ou, de fato, nem serem mesmo vistos (Butler, 2011, p.24).

Portanto, ao representar um rosto que é o mesmo com o qual se identificam, os fotojornalistas palestinos evocam rupturas e dissensos em relação às imagens que capturam. Eles trazem a precariedade de pessoas vivendo em situação de guerra, ao mesmo tempo que ressaltam a agência desses indivíduos, seja por meio do acionamento de sentimentos como revolta e dor, seja por meio da resistência da vida em face da morte.

Essa discussão parte de uma observação inicial de quatro fotografias. Todas possuem um elemento em comum: retratam crianças palestinas em situação de conflito. A escolha desse tema se deu pelo meu interesse pessoal pela infância, mas, também, pela percepção de que crianças em situação de precariedade costumam ter um forte apelo midiático. No entendimento atual da infância, principalmente no Ocidente, as crianças são consideradas sujeitos que precisam da proteção e da tutela dos adultos, inclusive, do Estado a que pertencem (Pinto, Sarmiento, 1997).

No caso das crianças palestinas, que possuem uma identidade étnica e cultural demarcada, estão subjugadas ao desamparo, uma vez que ainda não há um Estado palestino constituído e reconhecido internacionalmente, e à violência, quando subordinadas a operações militares de Israel e ações de grupos rebeldes, como o Hamas. Nesse sentido, elas acabam sendo as maiores vítimas dos conflitos, impedidas de frequentar a escola e de socializar com segurança, ao mesmo tempo que correm riscos de perder familiares e responsáveis, ou a própria vida.

Assim, uma imagem que desperta interesse inicial é uma das vencedoras do prêmio *World Press Photo* em 2024. A fotografia retrata uma mulher segurando um corpo no necrotério do hospital. Sabe-se que o corpo é de Saly, uma menina de cinco anos de idade, que morreu em um bombardeio. A mulher que segura o corpo era tia da criança. A fotografia é de Mohammed Salem, da *Agência Reuters*, feita em 2023 no Hospital Nasser, em Gaza.

Figura 1 – Mulher palestina segura sobrinha morta em bombardeio.



Fonte: Salem, 2023.

Mohammed Salem nasceu em 1985 na cidade de Gaza. Ele é formado em Mídia pela Universidade de Gaza e trabalha para a agência *Reuters* desde o início dos anos 2000, sendo um correspondente na Faixa de Gaza. Antes de começar a dedicar-se exclusivamente à cobertura dos conflitos entre palestinos e israelenses, o fotógrafo também cobriu esportes e política no Oriente Médio, como nos Emirados Árabes Unidos e no Egito³.

³ Perfil do fotógrafo disponível em: <https://widerimage.reuters.com/photographer/mohammed-salem.html>. Acesso em: 20 jan. 2025.

Em seu perfil no site da *Reuters*, consta a sua perspectiva profissional: “Uma imagem não deve ser tirada apenas com os olhos; ela deve ter um significado no coração”. Na mesma apresentação, o fotógrafo ressalta que é preciso respeitar os sentimentos das pessoas fotografadas, ainda mais em momentos delicados. Isso reforça seu compromisso com uma atuação profissional humanizada e altruísta.

Em 2004, Mohammed Salem foi premiado pela primeira vez, com o *Dubai Press Club Award*⁴. Em 2018 e 2023, foi agraciado com o *Pictures of the Year International (POYI)*. Em 2010, levou o segundo prêmio na categoria “Spot News” do *World Press Photo*. Já em 2024, levou o prêmio do ano⁵.

Enquanto palestino e profissional de imprensa em um contexto de conflito armado, Salem também sofre impactos da situação no seu cotidiano. Em outubro de 2007, o fotógrafo levou um tiro na perna durante uma cobertura em Erez, na fronteira entre a Faixa de Gaza e Israel, e teve que ser carregado por um colega, conforme consta em seu perfil no site da *Reuters*.

Contudo, essa fotografia (FIG. 1), isoladamente, não é suficiente para evidenciar as possibilidades de rupturas das vidas precárias. Apesar de provocar sentimentos de choque, não parece ser tão óbvia a capacidade de insubordinação e agência desses sujeitos, que foram surpreendidos pela morte. É preciso ressaltar, no entanto, que a própria imagem é, por si, uma forma de resistência.

A fotografia de Mohammed Abed (FIG. 2), da *Agence France-Presse (AFP)*, feita em maio de 2021, enquanto Israel bombardeava a Faixa de Gaza, mostra uma criança viva, sentada em meio à destruição. Ela olha para cima, e parece estar em um momento de reflexão. As suas vestes coloridas contrastam com o cenário cinza em que se encontra, remetendo à ideia de resistência.

⁴ Disponível em: <https://www.reuters.com/news/picture/portfolio-of-work-mohammed-salem-idUSRTXC5HT/>. Acesso em: 20 jan. 2025.

⁵ Disponível em: <https://www.worldpressphoto.org/mohammed-salem>. Acesso em: 20 jan. 2025.

Figura 2 – Menina palestina sentada em frente de casa destruída.



Fonte: Abed, 2021.

Recorrendo à Segunda Intifada, a fotografia (FIG. 3) de Musa Al-Shaer, feita para a *Agência Reuters*, na Cisjordânia, em 2002, apresenta uma criança em uma situação inusitada: enfrentando um tanque, pronta para atirar algum objeto – possivelmente uma pedra – contra a arma de guerra.

Figura 3 – Criança palestina lança objeto contra tanque de guerra.



Fonte: AlShaer, 2002.

Chama a atenção uma criança, aparentemente do sexo masculino, tão pequena, colocando-se de forma irreverente diante de um tanque, que, apenas com sua força, poderia

matá-lo. O menino não parece se incomodar com isso. Ao contrário, desafia a força repressiva que está à sua frente, mostrando-se destemido e ousado.

Outra fotografia de Salem (FIG. 4), feita já em 2024, mostra um menino carregando um carrinho com galões de água. Essa imagem faz parte de uma série que capturou crianças de várias idades carregando água na Faixa de Gaza, entre maio e junho desse ano. A primeira vez que a vi, fora da série, pensei que o menino estivesse brincando.

Figura 4 – Menino palestino carrega galões d’água em um carrinho.



Fonte: Salem, 2024.

O corpo curvo da criança e seu braço esticado para trás indica o esforço físico feito para carregar os suprimentos. Talvez, aquela não fosse a primeira nem a última viagem que o menino faria no dia, carregando água. Nos outros planos, atrás dele, destacam-se os escombros de uma construção, provavelmente atingida por bombas.

Ao buscar imagens de crianças palestinas em contextos de guerra, consultei o *Prêmio World Press Photo 2024*, de onde veio a primeira (FIG. 1). Posteriormente, pesquisei no perfil do *Instagram* de Mohammed Salem (@mohammedsalem85/) e no *Google* mais fotos que tivessem relação com o objeto. Para além da imagem premiada, chamou-me a atenção fotografias de crianças em situação de enfrentamento das precariedades vividas.

Apesar de serem imagens feitas por fotojornalistas diferentes, em épocas diferentes (2002, 2021, 2023, 2024), elas captam o mesmo conteúdo: crianças sendo sujeitas à morte, precariedade e violência. Juntas, elas conformam a representação, por meio de fotojornalistas palestinos, da infância na Faixa de Gaza e Cisjordânia durante períodos de conflito armado.

A cobertura fotográfica feita por Mohammed Salem, Mohammed Abed e Musa Al-Shaer é um reflexo das suas experiências enquanto palestinos. Eles não apenas reportam o conflito, mas vivem-no, com reverberações em sua vida pessoal. Ao ganhar o prêmio *World Press Photo 2024*, Salem gravou uma apresentação para enviar ao evento de premiação, em Amsterdã, no qual não pôde estar presente. No vídeo, que foi divulgado em seu perfil no *Instagram*, ele destaca as dificuldades que os jornalistas que trabalham em Gaza enfrentam, como escassez de alimentos, água, remédios e de recursos de trabalho, como sinal de telefonia e internet, por causa dos conflitos.

Em 2018, Abed foi baleado na perna por tropas israelenses, enquanto cobria um protesto na Faixa de Gaza⁶. Durante uma entrevista para o Sindicato de Jornalistas de São Paulo, Musa Al-Shaer, então dirigente do Sindicato dos Jornalistas Palestinos, relatou que esses profissionais são alvos constantes das forças militares israelenses, e que trabalham em condições insalubres, inclusive, muitos tornam-se refugiados dentro do próprio território⁷.

A partir dessas questões iniciais, o objetivo da pesquisa é compreender como as crianças palestinas são retratadas nas fotografias de Mohammed Salem, à luz da estética dos escombros. Para a análise, serão considerados: (1) a posição do fotógrafo em relação à (s) pessoa (s) fotografadas; (2) a composição da fotografia; (3) a estética dominante; (4) a época em que a fotografia foi feita; (5) a precariedade vivida pelo povo palestino. No eixo 3, discute-se os escombros e as ruínas nas fotografias, bem como o contraste provocado por elas na paisagem.

Com isso, a análise buscará elucidar como os escombros ajudam a construir uma narrativa sobre o que é ser palestino, o que as fotografias revelam de particular naquela sociedade, e como essas imagens podem ser entendidas a partir das ruínas que as conformam.

De acordo com dados de satélite observados pela Universidade do Oregon, em janeiro de 2025, cerca de 60% dos prédios da Faixa de Gaza foram atingidos por bombas, número que expressa seis vezes mais o percentual verificado em outubro de 2023. A capital, Gaza, teve 70% de seus edifícios destruídos até janeiro de 2024. Dados da ONU estimam que 66% das

⁶ ABED, Mohammed. A lenta cicatrização das feridas em Gaza. **AFP**, Gaza, 27 mar. 2019. Disponível em: <https://correspondent.afp.com/slow-heal-wounds-gaza>. Acesso em: 01 out. 2024.

⁷ Disponível em: <https://sjsp.org.br/israel-tem-os-jornalistas-palestinos-como-alvo-deliberado/>. Acesso em: 2 out. 2024.

construções do enclave foram destruídas, o que representa um total de 163.778 edifícios. Esses números dimensionam a destruição perpetrada no território palestino e evidenciam que os escombros fazem parte da paisagem desse local, enquanto consequência do conflito⁸.

Posto isso, o primeiro capítulo da monografia discutirá o fotojornalismo e a cobertura de guerra, considerando as particularidades da fotografia enquanto documento histórico. Abordará também a política das imagens, no sentido de Biondi e Marques (2015, p.129), que argumentam: “uma imagem é política quando deixa entrever operações que influenciam na interpretação do que vemos”. Também recorrerá ao conceito de sobrevivência das imagens, considerando as teses propostas pelo filósofo e historiador da arte, Georges Didi-Huberman.

O segundo capítulo abordará o conceito histórico de infância e quais são as particularidades dessa fase do desenvolvimento em contextos de conflito armado. Salienta-se que a infância palestina é marcada por violações, como julgamentos e prisões pelo Tribunal Militar de Israel, exposição a conflitos armados e outras situações que divergem da Convenção Internacional dos Direitos da Criança, da qual Israel é signatário.

O terceiro capítulo irá trazer as discussões atuais acerca do território da Faixa de Gaza e a análise das imagens que formam o *corpus*, partindo da estética dos escombros.

Por fim, as considerações finais da pesquisa e os resultados obtidos na análise. Após as referências bibliográficas, estarão em anexo as 55 imagens que foram essenciais para a formulação do *corpus* da pesquisa, dispostas em ordem cronológica, em um período que vai de outubro de 2023 a outubro de 2024.

⁸ Disponível em: <https://elpais.com/internacional/2025-01-19/que-queda-de-gaza-seis-de-cada-diez-edificios-han-sido-danados-durante-la-guerra.html>. Acessado em: 6 maio. 2025.

CAPÍTULO 1 – FOTOJORNALISMO E COBERTURA DE GUERRA

A cobertura fotográfica de guerras acontece desde o século XIX. Roger Fenton foi considerado o primeiro fotógrafo de guerra, ao ser enviado pelo Império Britânico, em 1855, para cobrir a Guerra da Crimeia (Sontag, 2003, p.40). Contudo, sua tarefa não era mostrar os horrores da guerra, mas uma perspectiva mais “positiva”, como forma de manipular a opinião pública dos súditos.

Historicamente, os fotógrafos ofereceram sobretudo imagens positivas da atividade guerreira e das alegrias de começar ou continuar uma guerra. Se os governos impusessem sua vontade, a fotografia de guerra, assim como a maior parte da poesia de guerra, faria rufar seus tambores em defesa do sacrifício dos soldados (Sontag, 2003, p.42).

As primeiras fotografias de guerra eram encenadas, tanto por questões políticas, como já mencionado, quanto por limitações técnicas impostas pela tecnologia disponível. Inclusive, até as Grandes Guerras possuem fotografias encenadas. Entretanto, com a Guerra do Vietnã (1955 – 1975), primeiro conflito armado transmitido ao vivo pela televisão, é que as coisas mudaram.

Para Sontag (2003, p.50), “o fato de ter havido tão poucas fotos de guerra encenadas desde a Guerra do Vietnã sugere que os fotógrafos têm-se mantido num padrão mais elevado de probidade jornalística”. Portanto, as fotografias de guerra feitas na atualidade vinculam-se ao acontecimento, à realidade, sendo o fotojornalista uma testemunha ocular das barbaridades fotografadas.

Nesse cenário, o fotojornalismo disputa atenção com outros formatos, como a televisão. Quando ocorreu o atentado do 11 de setembro, em 2001, o público de várias emissoras ao redor do mundo pôde ver o exato momento em que um avião colidiu com a segunda torre do *World Trade Center*.

Entretanto, as fotografias do atentado possuem valor documental inquestionável. Vinte e três anos se passaram e as fotos continuam servindo de fonte histórica e documental do acontecimento, como se aquele momento tivesse sido fixado na memória coletiva do Ocidente. Sobre a força das imagens, Sontag (2003, p.21) argumenta: “O fluxo incessante de imagens (televisão, vídeo, cinema) constitui o nosso meio circundante, mas, quando se trata de recordar, a fotografia fere mais fundo. A memória congela o quadro: sua unidade básica é a imagem isolada”.

A autora recorda a fotografia de Nick Ut, de 1972, feita no Vietnã. Nesta foto, cinco crianças correm desesperadas, em meio a quatro soldados, após um bombardeio com *napalm* em um vilarejo. Uma delas, Kim Phuch, chama a atenção por estar nua. A fotografia da “garota de *napalm*” tornou-se um clássico do fotojornalismo e foi muito utilizada para recriminar a campanha estadunidense no Vietnã.

Biondi (2023) problematiza a circulação da fotografia de Ut até os dias de hoje, cujos contornos extrapolaram o jornalismo e alcançaram fins artísticos e comerciais, além de cristalizar a mulher fotografada como vítima:

A imagem de Kim perpetuada pela foto de Ut que circula, incessantemente, mantém sua face congelada pelo horror em um grito duplamente inaudível. Não pudemos ouvi-la no passado da guerra, e continuamos a não ouvir no presente de qualquer outra guerra. Ainda que deseje, a “menina de *napalm*” não parece poder desaparecer, pois sua imagem alimenta um circuito de sujeitos elaborados ao martírio humano exemplar do fotojornalismo (Biondi, 2023, p. 6).

Com isso, propõe-se que as fotografias de guerra têm o potencial de representar as vítimas não somente em condição passiva e vulnerável. Para Biondi e Marques (2015), é importante pensar o corpo sofredor para além de uma imagem estigmatizada, de prepotência e inação. Recorrendo ao pensamento de Rancière, no que diz respeito à política das imagens, as autoras defendem a importância das rupturas e dos dissensos em relação às imagens observadas:

As imagens, segundo Rancière (2010⁹, 2012¹⁰), são políticas na medida em que podem devolver o dissenso e a ruptura às paisagens homogêneas, de concordância e assujeitamento. A política das imagens associa-se, assim, ao modo como a imagem pode desvelar potências, reconfigurar regimes de visibilidade e questionar ordens discursivas opressoras (Biondi; Marques, 2015, p. 129).

Marques (2014, p. 64) traz o conceito de “política das imagens” trabalhado por Rancière: “A política da arte, para ele, implica em um distanciamento e uma suspensão de toda relação determinável entre a intenção de um artista e o olhar de um espectador”. Aqui, arte e imagem são trabalhadas como sinônimos. Por mais que um autor tenha certa intenção ao produzir uma imagem, seja obra de arte ou não, ele não tem controle sobre como seu público

⁹ RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

¹⁰ RANCIÈRE, Jacques. **O destino das imagens**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

irá receber essa informação, considerando a subjetividade e apropriação que cada pessoa faz do que vê.

Ainda de acordo com a autora, a política não pode ser desvinculada da imagem e encontrada em fatores externos a ela. Assim, a política das imagens encontra-se na própria estética que, para Rancière, está relacionada à partilha da sensível. “Por sua vez, a partilha política do sensível permite ‘dar a ver aquilo que não encontrava um lugar para ser visto e permitir escutar como discurso aquilo que só era percebido como ruído’” (Rancière, 1995 *apud* Marques, 2014, p. 70)¹¹.

Portanto, ao olhar para imagens que retratam o sofrimento da guerra há possibilidade de extrapolar o óbvio, uma leitura superficial, e pensar a(s) pessoa(s) fotografadas enquanto sujeitos políticos, que podem agir e provocar transformações. Afinal, a guerra não elimina a dimensão política dos corpos, quanto mais daqueles que não estão nas frentes de batalha, e são tidos como as “vítimas indiretas” do conflito.

Para tanto, o conceito de “rosto” torna-se essencial. Marques (2014, p. 75) explica que o rosto é “uma metáfora para dizer da constituição do sujeito político, daquele que aparece no espaço coletivo de exposição, argumentação e negociação”. Em outras palavras, só possui rosto quem é socialmente considerado apto para participar da vida pública. Dado isso, populações marginalizadas são desprovidas de rosto quando excluídas da dimensão política.

Contudo, há uma forma dessas populações recuperarem a representação de seu rosto: através das cenas de dissenso. No livro “Imagens da resistência”, Lage Lage (2021) recupera a fotografia da deputada federal Benedita da Silva (PT), que, em 2014, compareceu ao plenário vestida com uniforme de empregada doméstica. O ato foi realizado em homenagem ao Dia Nacional da Empregada Doméstica, em um momento político de avanços para a classe, com a aprovação da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) que estabeleceu a igualdade de direitos trabalhistas entre os trabalhadores domésticos e os demais trabalhadores urbanos e rurais.

A fotografia da Deputada Federal vestida de empregada doméstica constitui uma cena polêmica, que aciona o processo de subjetivação, identificado por Rancière e Foucault, e citado por Marques (2014, p. 79):

A emergência do rosto marca, portanto, o início de um processo de subjetivação política. A subjetivação, em Foucault (1995) e em Rancière (2004a), nomeia tanto o processo de se tornar sujeito quanto o processo político de nomear constrangimentos de poder e injustiças: ela torna visível o hiato entre a identidade de alguém dentro da ordem consensual dada (na

¹¹ RANCIÈRE, Jacques. **La Mésentente – politique et philosophie**. Paris: Galilée, 1995.

distribuição de papéis, lugares e status) e uma certa demanda de subjetividade por meio da ação da política¹².

Benedita da Silva não apenas se vestiu como empregada doméstica, mas, durante seu discurso¹³, se colocou no lugar da doméstica que foi no passado. Dessa forma, ela utiliza da própria imagem e da linguagem para reconfigurar um regime de visibilidade. O ato acompanhou o espírito das lutas políticas travadas na época, que transpôs a empregada doméstica de um lugar de desimportância para outro de sujeito político, culminando em relevantes mudanças constitucionais no Brasil.

Utilizando esse exemplo, vislumbra-se como as imagens podem se insurgir contra o pensamento hegemônico e refletir, nelas, as forças políticas que atravessam a sociedade. É nesse ponto que se tornam potencialmente disruptivas, trazendo para o discurso rostos que antes não eram vistos ou vistos apenas de forma pejorativa.

Ao olharmos para fotografias que retratam vidas precárias, somos convidados a deixar de lado nossas convicções e crenças individuais para entrever o mundo a partir de outra perspectiva. Sobre isso, Butler (2011, p.22) coloca: “A face do Outro vem a mim de fora e interrompe aquele circuito narcisista. A face do Outro me chama para fora do narcisismo em direção a algo finalmente mais importante”.

O mais importante, neste caso, é o reconhecimento do outro, das suas demandas, do que ele nos coloca enquanto sociedade. As fotografias apresentadas na Introdução revelam, sob o olhar palestino, como as crianças vivem seu cotidiano na guerra. Apesar de evidenciar uma situação corriqueira para aquele povo, as fotografias não a banalizam. Aliás, servem como documento histórico do confronto entre israelenses e palestinos, como denúncia à comunidade internacional, enfim, como uma forma de resistência.

Os fotojornalistas palestinos, como Mohammed Salem, ao trabalharem para agências internacionais, oportunizam ao mundo que o seu povo seja visto para além do que a mídia hegemônica apresenta. No caso de Salem, cujas fotografias são objeto dessa pesquisa, é evidente seu envolvimento com a questão palestina e como isso transparece em seu trabalho na agência *Reuters*; inclusive, na escolha de fotografar crianças atingidas pela violência armada.

Esses profissionais trabalham em condições adversas, típicas de lugares precarizados e de conflitos armados, porém, são os poucos que reportam diretamente da Faixa de Gaza, já que

¹² RANCIÈRE, Jacques. **Aux bords du politique**. Paris: Gallimard, 2004a.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. (eds.). M. **Foucault**: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

¹³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ojvh1FCzRbg>. Acesso em: 5 fev. 2025.

a ocupação israelense não permite que profissionais de mídia estrangeiros entrem no enclave palestino. Estima-se que, entre 7 de outubro de 2024 a 15 de janeiro de 2025, 166 jornalistas e profissionais de mídia foram mortos, dos quais 152 eram palestinos. A lista, que é divulgada e atualizada pela Federação Internacional dos Jornalistas (FIJ), também contabilizou quatro profissionais israelenses, nove libaneses e uma jornalista síria mortos durante o conflito¹⁴.

A emissora catari *Al Jazeera*, uma das mais expoentes do Oriente Médio, foi proibida pela Autoridade Nacional Palestina (ANP) de atuar na Cisjordânia no início de 2025, por tempo indeterminado, após uma cobertura polêmica de confrontos ocorridos no campo de refugiados de Jenin – na Cisjordânia - entre membros do Fatah (grupo ligado à ANP) com o Hamas (atuante na Faixa de Gaza)¹⁵.

As tensões políticas observadas em Israel e nos Territórios Palestinos Ocupados influenciam na forma como os veículos de imprensa e seus profissionais atuam no território. Em um artigo publicado no *Jornal da USP*, Vitória Paschoal Baldin e Daniela Osvald Ramos, da Escola de Artes e Comunicação da Universidade de São Paulo (ECA – USP), argumentam que a cobertura jornalística nessa região é complexa e moldada por narrativas de cunho político, que visam a conquista do público internacional. Assim, as informações que chegam ao Ocidente são, na maior parte das vezes, enviesadas e pró-Israel, colaborando para o apagamento do olhar palestino na mídia¹⁶.

O fotojornalismo surge, neste cenário, como outra possibilidade de construção da notícia, uma vez que a imagem exige um exercício do ver imbricado à sua apropriação, um encontro mais íntimo e pessoal com sua mensagem. É assim que a fotografia vencedora do *World Press Photo 2024* (FIG. 1) circulou o mundo e mobilizou olhares para a causa palestina.

Didi-Huberman (2012) defende a imagem como um importante resquício da memória coletiva, através de uma perspectiva anacrônica da História:

As imagens tomam parte do que os pobres mortais inventam para registrar seus tremores (de desejo e de temor) e suas próprias consumações. Portanto é absurdo, a partir de um ponto de vista antropológico, opor as imagens e as palavras, os livros de imagens e os livros a seco. Todos juntos formam, para cada um, um tesouro ou uma tumba da memória, seja esse tesouro um simples floco de neve ou essa memória esteja traçada sobre a areia antes que uma onda a dissolva. Sabemos que cada memória está sempre ameaçada pelo

¹⁴ Disponível em: <https://www.ifj.org/war-in-gaza>. Acesso em: 20 jan. 2025.

¹⁵ Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2025/1/1/palestinian-authority-suspends-al-jazeera-operations-in-the-west-bank>. Acesso em: 22 jan. 2025.

¹⁶ Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/como-a-cobertura-jornalistica-reconfigura-a-narrativa-e-os-desdobramentos-do-conflito-entre-palestina-e-israel/>. Acesso em: 11 fev. 2025.

esquecimento, cada tesouro ameaçado pela pilhagem, cada tumba ameaçada pela profanação. Assim, cada vez que abrimos um livro — pouco importa que seja o Gênesis ou Os Cento e Vinte Dias de Sodoma —, talvez devêssemos nos reservar uns minutos para pensar nas condições que tenham tornado possível o simples milagre de que esse texto esteja aqui, diante de nós, que tenha chegado até nós (Didi-Huberman, 2012, p. 210).

Assim, o autor equipara a imagem com o relato verbal enquanto uma testemunha dos fatos ocorridos. Da mesma forma, ele ressalta que a sobrevivência de documentos do passado é um “milagre”, pois, no curso da História, esses mesmos documentos teriam enfrentado tentativas de apagamento e sido relegados ao esquecimento.

No ensaio “A sobrevivência dos vagalumes”, Didi-Huberman (2011) traz o cineasta italiano Pier Paolo Pasolini para explicar o conceito de sobrevivência. Vivendo sob o fascismo e em uma sociedade conservadora, o cineasta enfrentou desafios pessoais e profissionais, que culminou em seu assassinato em 1975 por um garoto de programa com o qual mantinha relações. Em uma carta escrita a um amigo, ele fala sobre os vagalumes, que foram ofuscados pelos “projetores” da propaganda fascista e sujeitos ao desaparecimento. A partir disso, os vagalumes tornam-se uma analogia para a sobrevivência ao obscurantismo e à repressão.

Utilizando da analogia citada, o filósofo associou as imagens aos vaga-lumes, já que elas também estão sujeitas ao desaparecimento, ofuscamento, e, contudo, à sobrevivência, no que ele defende:

As sobrevivências, por sua vez, concernem apenas à imanência do tempo histórico: elas não têm nenhum valor de redenção. E quanto a seu valor de revelação, ele nada mais é do que lacunar, em trapos: sintomal, em outras palavras. As sobrevivências não prometem nenhuma ressurreição (haveria algum sentido em esperar de um fantasma que ele ressuscite?). Elas são apenas lampejos passeando nas trevas, em nenhum caso o acontecimento de uma grande “luz de toda luz”. Por que elas nos ensinam que a destruição nunca é absoluta - mesmo que fosse ela continua -, as sobrevivências nos dispensam justamente da crença de que uma “última” revelação ou uma salvação “final” sejam necessárias à nossa liberdade (Didi-Huberman, 2011, p. 84).

Assim, as fotografias são capazes de subverter lógicas dominantes, colonizadoras da representação do outro, da crença da salvação mencionada pelo filósofo. Os palestinos estão vivos, formando uma nação, apesar da destruição do seu território. São vaga-lumes que, ainda sob os holofotes da propaganda pró-Israel, possuem luz. O que essa pesquisa busca, portanto, é entender como essa luz escapa do ofuscamento através das imagens mobilizadas.

A representação de crianças é um dos poucos feixes de luz que escapam, e seu clarão causa indignação e revolta. Nos discursos que tentam convencer o público da brutalidade de

um conflito, a imagem da criança é frequentemente evocada. No próximo capítulo, discutir-se-á os motivos para que isso aconteça.

CAPÍTULO 2 – A CRIANÇA, A MÍDIA E A GUERRA¹⁷

A criança é o futuro de todas as sociedades, já que, na linha do tempo da vida, ela está muito mais próxima do início. Com isso, à criança é dispensado tratamento especial, considerando suas necessidades e habilidades. Esse pensamento, que hoje é unânime, nem sempre existiu, sendo um reflexo dos paradigmas sociais que foram transformados ao longo da História.

Pinto (1997) explica que o conceito de infância, tal qual entendemos hoje, começou a ser explorado nos séculos XVI e XVII, e foi potencializado durante o Renascimento entre as classes mais altas. O historiador Phillipe Ariès (1981 *apud* Lage, N. 2021) argumentou que, a partir do século XVIII, a infância foi separada da vida adulta, e, através da intervenção da moral cristã, a criança passou a ser considerada sagrada, imbuindo o dever aos adultos de protegê-la e defendê-la¹⁸. É necessário ressaltar que as observações de Ariès partiram do continente europeu, sobretudo da França, e que outros povos poderiam conceber a infância de maneira diferente da aqui tratada.

Na contemporaneidade, a criança é compreendida como uma cidadã de seu país de origem, possuindo direitos e deveres. No contexto do Direito Internacional, é celebrada a Convenção sobre os Direitos da Criança, que foi ratificada por 196 países a partir de 1990. Em seu artigo primeiro, a citada convenção determina que sejam consideradas crianças as pessoas menores de 18 anos de idade, salvo quando forem emancipadas perante à lei. Essa condição exige esforço e dedicação por parte dos Estados e das suas sociedades organizadas em preservar a infância, provendo o que ela precisa e protegendo-a dos perigos e das violações (Brasil, 1990).

A infância pode ser localizada nos mais diferentes contextos da sociedade, e como um ente, se relaciona com todo o sistema social. Contudo, há algumas instâncias que são destinadas principalmente aos adultos na maioria dos países, como o trabalho e o casamento, considerando o aparato internacional que estabelece os direitos e os limites para as crianças.

Uma das instâncias sociais com a qual a infância se relaciona é a mídia, seja impressa – livros, jornais, revistas – ou não, como o rádio, a televisão e a internet. Entretanto, essa relação é marcada por uma hierarquia, na qual a criança muitas vezes tem papel estratificado e pouco ou nenhum poder de decisão.

¹⁷ Neste capítulo, os termos “criança” e “infância” foram trabalhados como sinônimos, embora saibamos que carregam significados ligeiramente diferentes.

¹⁸ ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

Outra situação que atinge diretamente a infância é a ocorrência de conflitos armados. A Agência da Organização das Nações Unidas para Refugiados estima que até o final de 2023, foram deslocadas à força 117 milhões de pessoas por causa de perseguições, violência e outras situações que divergem dos direitos humanos. Dentro desse grupo, cerca de 40% são crianças, o que corresponde a 47 milhões de pessoas¹⁹.

Com isso, é possível conceber que, apesar da criança ser considerada um ser especial no contexto do Direito Internacional Humanitário, ainda são muitos os desafios enfrentados pelos mais jovens.

2.1. A representação da criança no jornalismo

No que se refere à relação da criança com o jornalismo, a Convenção sobre os Direitos da Criança prevê:

Os Estados Partes reconhecem a função importante desempenhada pelos meios de comunicação, e devem garantir o acesso da criança a informações e materiais procedentes de diversas fontes nacionais e internacionais, especialmente aqueles que visam à promoção de seu bem-estar social, espiritual e moral e de sua saúde física e mental (Brasil, 1990, art. 17).

Nos parágrafos que integram o artigo citado, os Estados signatários devem incentivar os meios de comunicação a produzir conteúdo de interesse e relevância às crianças, considerando particularidades linguísticas em caso de grupos minoritários, e coibindo o acesso infantil a conteúdos que poderiam ser prejudiciais ao seu desenvolvimento.

Assim, ficou definido que as crianças, no exercício de sua cidadania, têm direito à informação e participação na mídia, enquanto uma esfera importante da vida social. Para Gomes (2008, p. 184), as crianças não apenas imitam a realidade, mas também agem diretamente nela, provocando mudanças alinhadas aos seus interesses e percepções. Sobre a presença dos meios de comunicação na vida das crianças, a autora defende:

Ao falar sobre o que viram na televisão, no cinema ou sobre algo que escutaram pelo rádio, participam na sociedade, interagem com os demais, adaptam-se, questionam, argumentam e percebem que há outros matizes sociais e culturais. Essa é uma das maneiras pelas quais elas conhecem o mundo a partir de vivências e experiências comuns – virtuais e reais – que se expandem e se transformam com e no seu grupo (Gomes, 2008, p. 190).

¹⁹ Disponível em: <https://www.acnur.org/br/sobre-o-acnur/dados-refugiados-no-brasil-e-no-mundo>. Acesso em: 12 fev. 2025.

Nessa perspectiva, as crianças possuem agência no seu meio e tempo, provocando, à sua maneira, mudanças no tecido social. Essa ideia vai contra o pensamento comum que relega a criança ao lugar de não conhecimento, não linguagem, não participação social. Apesar de revolucionária, essa proposição também encontra seus limites, quando nos deparamos com a sub-representação da criança no jornalismo e o reforço dos estereótipos mencionados.

Laurindo e Formentin (2011) analisaram a representação da infância no *Jornal Nacional*, no período de 4 a 16 de abril de 2011. As autoras problematizam o uso da imagem da criança nos meios de comunicação de forma sensacionalista, atrelada à criminalidade e violência, ou, ainda, como simples dados estatísticos: “Se por um lado a infância parece não atravessar os portões do jornalismo que a tornam notícia quando essa mesma infância se apresenta violentada ela acaba passando pelos mesmos portões pelos quais outros temas passam (o insólito e o violento, por exemplo)” (Laurindo; Formentin, 2011, p. 467).

Portanto, o que se observa, na prática, é o desacordo das convenções estabelecidas pela Organização das Nações Unidas em 1990 (Brasil, 1990), mantendo a criança em uma posição de ser incompleto, alguém ainda porvir que necessita do discurso adulto para sobreviver, retirando-lhe a capacidade de compreender e remontar o mundo através de brincadeiras, mas também de gestos políticos.

Ângela Maria Farah (2009) estudou a representação visual da infância nos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, no período de maio a dezembro de 2006. A autora coloca que o tema mais representado foi a violência, seja ela física ou simbólica, como a fome e a pobreza. Nas fotografias de guerra, como no caso das crianças palestinas, são distribuídas por agências internacionais e destaca-se a violência física sofrida por esses corpos, inclusive a morte.

A partir disso, é possível perceber que a representação da criança no jornalismo está diretamente relacionada aos casos de violação de seus direitos, numa tentativa de mobilizar a sociedade em torno do tema retratado, já que as crianças são responsabilidade de todos. Mas essa representação também encontra seus limites, já que não oferece à criança o protagonismo enquanto um ser que age no mundo.

2.2. A criança e os conflitos armados

A Convenção sobre os Direitos da Criança também prevê o tratamento dispensado às crianças que vivem em contextos de conflito armado. Em seu Artigo 38, o documento

estabelece que os Estados devem fazer valer o direito internacional humanitário no que concerne à infância, impedir o envolvimento de menores de 15 anos nas hostilidades, abster-se de recrutar menores de 15 anos para as forças armadas e reforçar a proteção sobre crianças que vivem em áreas de conflito (Brasil, 1990, art. 38).

Nesse sentido, o foco aqui não é discorrer sobre a incorporação das crianças no escopo militar, mas compreender como a infância resiste e se reinventa nos períodos de guerras e outras situações de belicismo, que afetam diretamente a vida em sociedade e suas instituições, inclusive a família.

Machado (2020) explora a aplicação do conceito de “anacronismo” na exposição *Levantes*, organizada por Georges Didi-Huberman, que se dedicou a compilar imagens de sublevações em diferentes épocas e partes do mundo. Uma das três fotografias exibidas na exposição e analisada pela autora é da autoria de Augustí Centelles, feita em 1936, no contexto da Guerra Civil Espanhola (1936 - 1939). Nesta fotografia, denominada “Brincadeira de crianças em Montjuïc”, nove crianças travam uma batalha imaginária. Equipados de chapéus e pedaços de pau, os seis captores encurralam e ameaçam os três reféns, que se encontram de mãos para trás, como se estivessem atadas.

Em uma reportagem especial²⁰ publicada pelo jornal estadunidense *The New York Times* em 2022, menciona-se uma brincadeira desenvolvida durante a guerra na Ucrânia, chamada de “checkpoint”, em alusão aos bloqueios feitos nas estradas por soldados ucranianos. Além disso, um grupo de meninos param carros para pedir doação ao exército. Sobre a imitação que as crianças fazem do mundo nas brincadeiras, Gomes (2008, p. 184) defende: “Nessa relação elas adotam como modelo aquilo que circula na sua realidade próxima, mas, simultaneamente, compõem algo diverso, pois acrescentam, interpretam e dão novos sentidos ao que estão imitando.”

Assim, pode inferir-se que, durante tempos de guerra, as crianças incorporam o que vivenciam em suas brincadeiras, como uma forma não só de interpretar a realidade, mas também de agir sobre ela. No caso observado na Ucrânia, a brincadeira extrapola o limite do lúdico, resultando em uma intervenção direta na realidade, a fim de angariar recursos para soldados “de verdade”. Exemplos como esse demonstram que a criança é um ser que tem consciência do seu tempo social e que pode influenciar no seu curso.

²⁰ Disponível em: <https://www.nytimes.com/live/2022/08/06/world/ukraine-russia-war-children#a-time-for-war-a-time-for-play-ukraines-children-bear-the-burdens-of-the-conflict>. Acesso em: 13 jan. 2025.

Manuel Jacinto Sarmento (2003) defende que o jogo e a ficção tornam-se meios para que as crianças que vivem em contextos adversos possam criar um outro mundo, uma realidade alternativa que escapa do pragmatismo:

A cultura de pares permite às crianças apropriar, reinventar e reproduzir o mundo que as rodeia, numa relação de convivência que permite exorcizar medos, construir fantasias e representar cenas do quotidiano, que assim funcionam como terapias para lidar com experiências negativas, ao mesmo tempo que se estabelecem fronteiras de inclusão e exclusão (de género, de subgrupos etários, de status, etc.) que estão fortemente implicados nos processos de identificação social (Sarmiento, 2003, p.61).

Por isso, a brincadeira é importante para as crianças, especialmente quando se trata de enfrentamento às adversidades. Não somente os adultos desenvolvem mecanismos de elaboração de crises, mas também a criança, em sua maneira peculiar de compreender e agir no mundo.

No que tange à infância palestina, pode-se considerar o constante estado de vigilância e interdições perpetradas por Israel, conforme aponta Odeh (2024). É comum que as crianças palestinas sejam sequestradas por colonos ou soldados, e encarceradas sem que haja o devido processo legal. Para a autora, o objetivo dessas ações contra as crianças palestinas é “danificar sua vida presente e inviabilizar seu futuro” (Odeh, 2024, p.6).

Através do descumprimento da Convenção dos Direitos da Criança, o Estado de Israel interdita uma infância possível, causando traumas pessoais e dramas familiares. Um caso amplamente noticiado é do jovem Ahmed Manasra²¹, que foi preso aos 13 anos de idade por ser acusado de assassinar colonos israelenses. Quase dez anos após o crime, pelo qual ficou comprovado que o jovem não foi o responsável, Ahmed continua preso, e desenvolveu graves quadros de doenças mentais no encarceramento. Além de negar acesso à ampla defesa, o judiciário israelense também deixou o jovem em confinamento solitário por períodos prolongados, violando o Direito Internacional Humanitário.

Os aspectos aqui mencionados esclarecem que a infância nos Territórios Palestinos Ocupados pode ser particularmente difícil, considerando a precariedade imputada às vidas palestinas. São vidas que, diante de um projeto colonial bem executado, são desvalorizadas, privadas dos seus direitos básicos e ameaçadas de extinção.

²¹Disponível em: <https://www.amnesty.org/en/latest/news/2023/09/israel-opt-after-nearly-2-years-in-solitary-confinement-ahmad-manasra-too-ill-to-attend-his-hearing/>. Acesso em: 10 dez. 2024.

Mas, também, é possível afirmar que essas crianças encontram formas de resistência à opressão, seja através das brincadeiras ou de outras formas de agir na realidade, ressignificando as experiências vivenciadas.

Nas fotografias apresentadas na Introdução desta monografia é possível delinear algumas nuances dessa infância. A imagem de Saly morta (FIG. 1) ressalta a vulnerabilidade das crianças palestinas e como suas vidas são desprezadas. A imagem da menina sentada em meio à destruição (FIG. 2) mostra que essas crianças convivem com a perda. O menino enfrentando o tanque israelense (FIG. 3) evidencia a agência política dessas crianças. O menino carregando água (FIG. 4) revela a precariedade vivida por essas pessoas e a dificuldade de obter suprimentos essenciais.

Posto isso, pode-se afirmar que a infância nos Territórios Palestinos Ocupados está bem longe de ser aquela descrita na Convenção dos Direitos da Criança (Brasil, 1990). Os ataques não são apenas contra a infraestrutura dessa região, mas, sobretudo, à identidade desse povo. Enquanto grande parte da infância ocidental tem seus direitos preservados sob legislações internacionais e locais, as crianças palestinas não têm a mesma sorte.

Considerando esses aspectos, outras imagens serão propostas para análise no capítulo seguinte. São fotografias construídas através do olhar de um profissional que conhece a realidade palestina, e que em mais de um ano de conflito, registrou como é a infância de seu povo.

CAPÍTULO 3 – A INFÂNCIA NOS ESCOMBROS

Durante os primeiros quinze meses do conflito aqui estudado, a faixa de Gaza foi diariamente bombardeada. Nas fotografias que circulam na mídia, é possível ver cidades inteiras em destroços. O Ministério da Saúde de Gaza – controlado pelo Hamas –, afirmou que cerca de 46.700 pessoas foram mortas em até um ano do conflito. Estimativas da Organização das Nações Unidas (ONU) indicam que até 70% dos mortos eram crianças ou mulheres. Também se estipula que 110.453 palestinos ficaram feridos no confronto. Esses números expressam a dimensão da destruição no enclave palestino, onde quase 2 milhões de pessoas ficaram internamente deslocadas conforme as operações militares de Israel aconteciam²².

Figura 5 – Fotografia 360° da cidade de Rafah após bombardeios.



Fonte: Samra, 2025.

²²Disponível

em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cly99rlnr2go#:~:text=A%20ONU%20tamb%C3%A9m%20concluiu%20que,os%20demais%20funcionam%20apenas%20parcialmente>. Acesso em: 29 jan. 2025.

Diante do colapso da infraestrutura das cidades da Faixa de Gaza e o avanço das negociações de cessar-fogo, a preocupação internacional se concentrou na reconstrução do território. A partir da posse do presidente estadunidense Donald Trump, em 20 de janeiro de 2025, essas discussões se tornaram mais acirradas. O mandatário tornou público seu desejo de controlar o enclave, deslocando sua população para países vizinhos de Israel e construindo uma “Riviera” no local²³. A declaração foi criticada no mundo todo, e o governo do Egito e da Jordânia afirmaram que não vão receber palestinos expulsos de sua terra.

Com isso, torna-se evidente que a reconstrução do enclave é um desafio geopolítico, que perpassa por interesses de diversas nações. De acordo com o jornal *The Times of Israel*, líderes da Jordânia, Egito, Catar, Arábia Saudita e outros países árabes estão organizando um plano de reconstrução de Gaza que pode custar até 20 bilhões de dólares, em um esforço de limitar o controle dos Estados Unidos na região²⁴.

De todo modo, o que os palestinos do enclave vivem hoje é a precariedade, no sentido de terem perdido suas casas, seus postos de trabalho, e conviverem com a escassez de recursos básicos para a sobrevivência. Os escombros espalhados por toda parte não escondem o trauma recente vivido por esse povo. Devido a essa realidade, as fotografias a serem analisadas têm como ponto de partida os escombros, em uma tentativa de compreender o que é ser criança e viver nas ruínas de um país que ainda não é o que deveria ser: livre.

O conceito de “ruína” deriva, na Língua Portuguesa, do latim “*ruina*”. De acordo com o Dicionário *Michaelis* (on-line), o substantivo feminino pode significar “1. Ato ou efeito de ruir; desmoronamento, destroço, destruição”; “2. Restos ou destroços de prédios desmoronados; ruínia”; “3. Prédio desmoronado ou escalavrado pelo tempo ou por causas naturais ou acidentais”, entre outros significados correlatos. Já “escombros”, um substantivo masculino, significa “Destroços de algo que foi destruído intencionalmente ou por acidente; entulhos, ruínas”.

Márquez (2020) propõe uma “antropologia dos escombros”, a partir do levante ocorrido na *Plaza Dignidad*, em Santiago, Chile, em 2019. Na ocasião, manifestantes que, à princípio protestavam contra o aumento das passagens no transporte público, transformaram a paisagem de uma praça, destruindo estruturas fixas e colocando outros elementos no lugar. O movimento

²³ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c9qjqee8514o> . Acesso em: 25 fev. 2025.

²⁴ Disponível em: <https://www.timesofisrael.com/arab-plan-for-gaza-could-involve-up-to-20-billion-regional-contribution/> Acesso em: 25 fev. 2025.

colocou em pauta a convocação de uma nova assembleia constituinte no país. Sobre a potencialidade dos escombros, a autora argumenta:

Quaisquer que sejam os escombros, eles sempre - como as materialidades residuais que são - desordenam e desconcertam nossas cidades, e deveriam ser entendidos como um convite para repensar e reescrever suas formas significativas. Para isso, é primordial aprender primeiro a ler e ouvir as paredes, os escombros e os monumentos, como livros ou quadros-negros que contêm os manifestos da sociedade que queremos (Márquez, 2020, p.19).

Diferentemente dos escombros da *Plaza Dignidad*, os escombros da Faixa de Gaza não foram resultado de uma mobilização social contra uma situação política. Nesse caso, o ataque contra esse território específico é fruto da política colonialista de Israel contra o povo palestino. Sobre essa política, Cardoso (2024) cita o 7 de outubro de 2023, retoma a Nakba e o sionismo a partir de El Cheikh (2022)²⁵, e defende:

Contudo, é importante lembrar que, antes do ataque do Hamas em 7 de outubro, a Palestina não era um lugar de paz. Ao contrário: desde o começo da ocupação sionista, ainda no final do século XIX, a Palestina vive tempos conturbados. A Nakba, a grande Catástrofe de 1948, foi, então, o ápice de um processo colonialista do sionismo fundado por Theodor Herzl cerca de 50 anos antes, na Suíça (EL CHEIKH, 2022). Desde então, Israel, cuja independência é justamente demarcada pela Nakba, vem aumentando sua ocupação territorial através do uso da violência estatal, às vezes mais enfaticamente que outras. O 7 de outubro de 2023, 75 anos depois da primeira Catástrofe, e a resposta sionista marca apenas mais um acontecimento dentro da história de expulsões forçadas, assassinatos, pilhagens, estupros, invasões, prisões sem processos, torturas, etc (Cardoso, 2024, p. 13).

Como resultado dessa política de Estado, o enclave foi levado às ruínas e sua população a uma situação limite, conforme já foi explorado anteriormente.

Ferreira (2000), poeta e arquiteto português, classificou as ruínas, desde às românticas até as causadas pelos desastres naturais e pelas guerras. A última, denominada por ele de “ruína – desastre de guerra”, é a materialização “da incorrigível e insaciável sanha guerreira da humanidade” (p.428).

Nessa perspectiva, as ruínas são, ao longo da História, testemunhas de batalhas e conflitos sangrentos. Entretanto, de acordo com o que afirma Márquez (2020), os escombros

²⁵ AMORA, Badra El Cheikh Tanure. **Quando é a Palestina? O tempo palestino através da ficção científica de Larissa Sansour**. Orientador: Fernando Antônio Resende. 2022. 124 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

podem abrir espaços para novos significados. Eles são a materialização do confronto, mas também indicam que uma outra Faixa de Gaza pode ser erguida.

Pensando nessas questões que foram colocadas, o *corpus* dessa pesquisa foi escolhido. Em um primeiro momento, foram selecionadas 55 fotografias do perfil do fotojornalista Mohammed Salem no *Instagram*, no período de outubro de 2023 a outubro de 2024. Essas fotografias foram categorizadas em “crianças feridas ou desnutridas”, “crianças mortas”, “crianças acompanhadas de adultos”, “crianças alegres ou brincando”, “crianças deslocadas”, “crianças assustadas ou chorando”, “crianças recém-nascidas”, “crianças rezando” e “crianças com fome”, conforme essas temáticas eram identificadas. Na tabela abaixo, há alguns exemplos dessas fotografias:

Figura 6 – Fotografias extraídas do perfil de Mohammed Salem.

Fotografia	Data	Hiperlink
	23 out. 2023	https://www.instagram.com/p/CyvILGKAh5B/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA%3D%3D
	3 mar. 2024	Conteúdo removido pelo Instagram
	18 jan. 2024	https://www.instagram.com/p/C2PEBJSAGOZ/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA

	21 abr. 2024	https://www.instagram.com/p/C6BdbrJL36/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFiZA
	26 jun. 2024	https://www.instagram.com/p/C8rOXeaAw3H/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFiZA

Fonte: Salem, outubro de 2023 a outubro de 2024.

Essas são imagens de dor, sofrimento, resistência e sobrevivência. Da criança morta no colo da mãe à criança recém-nascida, sentimentos ambíguos podem ser despertados. Sem utilizar nenhum recurso verbal, essas narrativas assaltam nosso olhar; e a mensagem que carregam não deixa espaço para dúvidas. Dentro do nosso arcabouço moral, e também ético, é inconcebível que crianças vivam tamanha violência. São imagens que enfatizam a humanidade das crianças palestinas, que nascem, brincam, sentem dor, fome, sorriem, choram, e que também morrem de forma bárbara.

Ao olhar para as 55 imagens coletadas, busquei por algum detalhe que fosse comum a todas. Foi então que surgiram os escombros enquanto elemento estético dominante. Para além disso, o contraste também é observado nas dez fotografias que integram o *corpus*, apresentado abaixo. A partir dessas dimensões estéticas e das questões que já foram trabalhadas em outras partes do trabalho, o objeto será analisado nas próximas páginas.

3.1. As crianças, por Mohammed Salem

Figura 7 – Funeral das vítimas de um ataque aéreo em Rafah.



Fonte: Salem, 7 de março de 2024.

Em uma vala comum, mais de dez corpos são velados por uma multidão que se concentra no seu entorno. A proximidade do fotógrafo em relação à vala permite a identificação dos corpos como de crianças, considerando o baixo comprimento do que está por debaixo dos sacos azuis. No centro da imagem e dentro da vala, há três pessoas vestidas de branco usando equipamentos de proteção individual (EPI). No fundo da imagem, localiza-se um caminhão, de onde saem essas pessoas. Nas bordas esquerda e direita do enquadramento, dezenas de pessoas observam os cadáveres cobertos.

O enquadramento escolhido pelo fotógrafo enfatiza o drama do momento e o tamanho dos corpos a serem sepultados. A escolha sugere que Salem queria reforçar a morte de algumas crianças sendo assistida por outras crianças, que possuem uma evidente tristeza no olhar. Com isso, ele expõe como essa infância é permeada de aflições.

A característica estética que marca essa fotografia é o contraste. As vítimas sepultadas, aqui deduzidas como corpos infantis, estão cercadas por crianças, que observam atentamente as vidas ceifadas. Assim, a imagem nos coloca diante de um paradoxo ao apresentar uma cena que desorganiza a “ordem natural” da vida. Esta seria, no sentido de Didi-Huberman, uma “imagem-sintoma”. Marcela Imparato (2024, p. 6) explica esse conceito:

Na leitura proposta por Didi-Huberman, a ênfase concedida à noção de “sintoma” como conflito, em detrimento da noção de “sublimação”, é central. Pois, ao contrário de uma sublimação compreendida como destinação apaziguadora de pulsões, a ideia de uma imagem sintoma, Didi-Huberman (2015b, pp. 398-400) remete a uma “simultaneidade contraditória”, assimilada enquanto crítica da representação. Assim, diferente da sublimação, a imagem-sintoma resiste à reconciliação, ou síntese, do paradoxo visual, passando a ser definida por uma exposição de conflitos²⁶.

Logo, a fotografia (FIG. 7) expõe questões que ressaltam a brutalidade cometida contra essas vítimas e como a sobrevivência é incerta. As crianças que olham para suas semelhantes mortas podem estar olhando através de um espelho. Um ataque aéreo pode acontecer a qualquer momento neste local e ninguém está ileso. Outra, que não é em qualquer momento e lugar no devir histórico que as pessoas são enterradas em uma vala comum. O caminhão também tem o seu simbolismo: o que ele transporta? Quem são essas pessoas paramentadas que saem dele? Por que elas estão próximas dos corpos? Para essas perguntas, pode-se imaginar respostas. O conflito está posto. Não há consensos, apenas sintomas de uma sociedade – e uma infância – atingidas pela violência institucionalizada.

Figura 8 – Reunião de palestinos em meio aos escombros.



Fonte: Salem, 13 março de 2024.

²⁶ DIDI-HUBERMAN, Georges. **Invenção da histeria**. Charcot e a iconografia fotográfica da Salpêtrière / trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015b.

A imagem acima mostra palestinos reunidos durante o Ramadã, mês sagrado dos muçulmanos. Durante essa celebração, os adultos precisam de fazer jejum do nascer ao pôr do sol, enquanto fazem suas orações. À noite, os grupos se reúnem para fazer uma refeição leve.

Analisando o enquadramento da fotografia (FIG. 8), é possível perceber que o fotógrafo estava em um ângulo superior aos elementos que compõem a fotografia, como se fosse uma câmera espiã ou de vigilância. Com isso, uma visão mais ampla do ambiente é registrada. À esquerda, um grupo de quatro mulheres e quatro crianças compartilham a refeição, que está no centro da roda. Elas estão sentadas em um tapete. À direita, materiais derivados de uma construção civil destruída tomam conta do cenário. Há um contraste evidente na fotografia, cujo plano de fundo é cinza (destroços) e o espaço no qual se encontram as pessoas é colorido.

Não há nenhuma preocupação aparente do grupo, senão forrar o chão para se assentar ao redor dos escombros. A profissão de fé acontece em meio aos destroços, dando a impressão de que, mesmo em condições improváveis, a vida acontece. Essa é outra cena difícil de conceber, porque vai contra o senso comum de que tudo está arruinado e, portanto, não há o que fazer.

Em um momento de escassez, compartilhar uma refeição pode ser prova de generosidade. Mas a partilha, neste caso, também é espiritual, já que faz parte de um preceito religioso seguido pelos muçulmanos. A escolha do fotógrafo em enquadrar o ambiente, totalmente destruído, e como esses corpos o ocupam, mostra que mais do que pessoas comendo, há pessoas resistindo às tentativas de extermínio. Também torna clara a força da religião, que em uma conjuntura trágica, une pessoas para dividir o pouco que têm.

A religiosidade ocupa um lugar importante na vida de árabes muçulmanos, orientando vários aspectos da vida. Omais e Santos (2022), através de uma revisão de literatura, investigam a influência da psicologia islâmica no bem-estar de quem segue o Islã:

A espiritualidade no Alcorão possui uma clara abordagem holística, cujo escopo não é somente oferecer respostas existenciais sobre o sentido da vida, mas unificar as mais diversas dimensões, externas e internas, individuais e sociais, a fim de alcançar um estado de equilíbrio completo do indivíduo consigo e com o mundo que o circunda (Omais; Santos, 2022, p. 142).

Assim, a espiritualidade ligada à religião pode auxiliar no enfrentamento das dificuldades. Expressar a fé em um local de destruição significa, nessa perspectiva, buscar o equilíbrio em um momento no qual os excessos transformam a paisagem. A força da cultura continua a operar naquela sociedade, ainda que sua infraestrutura esteja sendo atacada.

Entre as instituições que as crianças participam, a religião é uma das mais importantes, não apenas pelo fato de ser transmitida entre as gerações, mas por ensinar os valores e a visão de mundo que colocam. Com isso, as crianças participam da vida social em comunidade, exercem alguma função e podem atribuir novos significados à vida por meio dos ensinamentos religiosos.

Ao celebrar sua fé em um local arruinado, essas pessoas manifestam resiliência e esperança. Torna-se um ato de ressignificação do ambiente, um indício de que as coisas do mundo são transitórias, assim como a própria vida. O contraste da fotografia sugere que a destruição não é permanente, e que a reconstrução – neste caso, simbólica – é algo a ser feito.

Figura 9 – Fotografia mostra duas mulheres e um menino nas ruínas de uma mesquita destruída em Khan Younis por um bombardeio israelense.



Fonte: Salem, 16 de junho de 2024.

Duas mulheres estão sentadas sobre os escombros. Uma delas tem o corpo todo coberto de preto, sendo possível ver apenas a região de seus olhos e suas mãos. A outra está com o rosto à mostra e leva a mão esquerda à altura do nariz. Próximo delas, um menino se assenta sobre um tapete na areia. Ele usa vestes religiosas, e olha para algo que está fora do enquadramento. A fotografia é panorâmica e, provavelmente, o fotógrafo estava próximo das pessoas representadas na imagem.

A partir da legenda da fotografia publicada no perfil do fotógrafo no *Instagram*, sabe-se que a imagem foi feita durante as orações em uma mesquita destruída após um bombardeio israelense. Portanto, o ato de profissão de fé acontece em um contexto de ataque material e simbólico da cultura palestina.

A fotografia, feita em um plano mais fechado, não permite que o espectador veja para o que essas pessoas estão olhando. Sem a legenda, também não é óbvio que se trata das ruínas de uma mesquita. Contudo, o olhar das mulheres e do menino carregam uma tristeza particular, difícil de ser compreendida sem saber o que acontece no entorno.

Neste caso, a criança apresenta certa agência política. Ela aparece como alguém que, em comunidade, se reúne para manifestar sua cultura em um local atacado pelos abusos do regime colonial de Israel contra os palestinos, o que não deixa de ser um ato de resistência. Manifestar sua cultura também é uma forma de se manter vivo.

Mais uma vez, a religiosidade ganha espaço nas narrativas visuais construídas por Salem. Também permanecem as mulheres e a criança no cerne do discurso. Apesar da destruição, o local continua sendo um ponto de encontro entre palestinos que compartilham a mesma fé.

Figura 10 – Mulher e menino observam transeuntes passando em frente de casa destruída.



Fonte: Salem, 29 de maio de 2024.

A imagem acima tem como cenário principal os escombros na cidade de Khan Younis. A fotografia panorâmica mostra, em primeiro plano, uma mulher e um menino no limiar de uma parede parcialmente destruída. Os dois estão sentados em cima de um colchão fino, e olham para fora da estrutura em que se abrigam. Próximo deles, há um pequeno fogão improvisado de lata, com dois utensílios de ferro para cozinhar. Um grupo de seis mulheres caminha na rua, que está cercada por destroços de construções. Atrás delas, uma charrete e algumas tendas estão postas no lugar onde antes deveria ser uma casa. No último plano, há outras construções parcialmente ou totalmente destruídas.

Chama a atenção o posicionamento do corpo do menino. Ele tem uma parte do braço no chão, enquanto leva a outra ao rosto, apoiando a cabeça. Apesar de olhar para as mulheres que passam na rua, parece desinteressado no que vê, como se aquilo já fizesse parte do seu dia a dia. A mulher ao seu lado também direciona o olhar para fora da casa, mas parece acomodada onde está. A impressão é de que o fotógrafo conseguiu capturar uma cena cotidiana de como vivem os palestinos no conflito. Se não fosse pelas ruínas, a sensação seria de normalidade, apenas mais uma fotografia que retrata pessoas comuns em sua vida pacata.

Ao contrário disso, a paisagem recorda que aquele local foi transformado pelos ataques aéreos. O imprevisto dos abrigos, seja pelas tendas, pela casa quase destruída, ou pela forma de cozinhar, mostra que essas pessoas vivem em condições precárias por causa do conflito. Dessa forma, Salem denuncia a situação, ao mesmo tempo que salienta a bravura dessas pessoas, que, apesar da degradação, continuam resistindo à barbárie.

Figura 11 – Duas crianças interagem ao redor de uma fogueira.



Fonte: Salem, 27 de novembro de 2023.

Um menino e uma menina estão sentados em cima de blocos de concreto. Os dois estão agasalhados e próximos de uma pequena fogueira que está se formando no chão. O menino tem o corpo inclinado em direção à menina, e leva um dos braços no rumo dela. A menina, por sua vez, está sentada na extremidade oposta de onde a mão do menino se encaminha, e parece um pouco tensa. Ele a olha nos olhos e sorri. Atrás deles, uma pilha de escombros se destaca. Inclusive, os materiais que estão depositados lá se parecem muito com os que estão servindo como assento e suporte para a fogueira.

O enquadramento permite identificar que o fotógrafo estava bem próximo das crianças. Entretanto, sua presença parece despercebida. Houve, por parte dele, uma preocupação em se igualar à altura das crianças, o que afasta a ideia comum de superioridade dos adultos. Ambos parecem absortos em algum tipo de brincadeira, em um momento de interação e cumplicidade. Não é possível ver nenhum adulto próximo.

Além do momento entre as duas crianças, o que se sobressai na imagem é o uso que se faz dos destroços. Os blocos de concreto oriundos de construções destruídas deixam de ser apenas entulho e ganham novos sentidos e usos, como um lugar para se assentar e materiais para construir uma fogueira, embora isso seja um resultado direto da precariedade que lhes fora colocada.

Talvez seja impensável que alguém sorriria em um lugar que remete à destruição, perdas e opressão. Mas o menino fotografado apresenta outra lógica, a de que é possível sorrir e brincar, ainda que em meio aos escombros e à escassez.

Figura 12 – Homem ferido deita-se sobre escombros ao lado de criança pequena.



Foto: Salem, 11 de outubro de 2024.

A fotografia feita em Khan Younis revela duas pessoas, sendo uma criança e um adulto, deitadas em cima dos escombros de uma casa destruída. O homem apoia o braço direito abaixo da cabeça da criança, enquanto ambos olham para algo fora da cena representada, e seu braço esquerdo está sobre uma bagagem. O fotógrafo parece estar um pouco acima do nível do chão, em um ângulo que permite ver com facilidade que homem e criança estão debaixo de um grande bloco de concreto. Apesar de ferido, o homem não demonstra incômodo.

Na legenda da publicação, o fotógrafo coloca que os palestinos estão descansando. Considerando que uma estrutura atingida por bombas não é estável, não há por parte dessas pessoas uma preocupação aparente em deixar o local. Um colchão no meio das ruínas parece ser uma opção para descansar. Dessa forma, a imagem expõe uma condição absurda e ressalta o sofrimento dos palestinos afetados pelos ataques israelenses.

Como uma pessoa pode descansar no meio de entulhos? E se aquela casa fosse onde eles moravam? Para onde vão agora? São perguntas que podem surgir quando se é atravessado por essa imagem. Desperta atenção que o pai, mesmo em condição difícil, tenta proteger o filho, trazendo seu corpo para junto dele.

Nesse sentido, o fotógrafo também narra as dificuldades sofridas por pais e filhos durante o conflito. Não se sabe por quê eles “descansam” neste local e se podem se deslocar para outro, se estão aguardando algo ou se estão condenados a viver debaixo dos escombros.

Figura 13 – Crianças palestinas em escola improvisada numa tenda.



Fonte: Salem, 10 de outubro de 2024.

A imagem acima, feita em panorama, retrata dezenas de crianças assistindo à aula numa tenda improvisada nos escombros de uma construção. De fora da tenda, um menino observa a aula em cima de um colchão. Todas estão com o corpo voltado para onde, provavelmente, está quem ensina. Pequenas bandeiras estão penduradas ao longo de varais que se aproximam do teto.

A partir do centro da fotografia (FIG. 13), observa-se um contraste entre o lado direito e esquerdo do cenário representado. Enquanto à direita concentra-se a tenda improvisada, com as crianças e uma profusão de cores, à esquerda há o predomínio dos destroços das casas do bairro, deixando a paisagem cinza.

Assim, a fotografia contém o simbolismo de algo construído – ainda que improvisado – em cima dos escombros. A escola, com seus estudantes, modifica a paisagem predominantemente cinza, e sinaliza que um futuro próspero ainda é possível para essas vidas, mesmo que em uma conjuntura difícil.

As crianças representadas portam material para escrita e parecem focadas na tarefa. Elas poderiam ter o mesmo destino que as pessoas enterradas em uma vala comum (FIG. 7), mas além de serem sobreviventes, conseguem ter acesso à educação. Ainda que as condições estejam longe do ideal, seus direitos são minimamente assegurados. Nessa perspectiva, a criança enfrenta a precariedade que lhe foi imputada, ocupando um espaço que não apenas respeita e valoriza sua vida, mas que pretende resguardá-la.

Com isso, a fotografia enseja uma mensagem de esperança, mostrando como as ações humanitárias são importantes para minimizar os impactos do conflito armado na vida das crianças palestinas.

Figura 14 – Meninas sentadas próximo a uma casa destruída em Rafah.



Fonte: Salem, 21 de abril de 2024.

Na imagem acima, duas meninas estão sentadas de frente para a outra, perto dos escombros de uma casa destruída. O fotógrafo está a uma distância razoável delas, em um ponto que permite uma ampla visão do espaço no qual se localizam.

A menina da direita assenta-se sobre um tijolo, enquanto a menina da esquerda tem os joelhos dobrados no chão, e apoia os braços cruzados em cima dos joelhos da outra. Elas têm a cabeça direcionada para o chão. Atrás delas, está uma grande pilha de destroços, de onde é possível ver uma pessoa em pé. Na borda direita da fotografia, também há uma pessoa no meio dos escombros.

O que significa estar no meio de escombros, sair deles, sentar-se neles? Por que as meninas estão tão próximas e olham para o chão? São perguntas que a imagem nos coloca. Não sabemos se aquela casa era onde elas moravam, e se aquelas pessoas que caminham nos destroços são da mesma família. Mas o que é evidente na fotografia é a destruição ao redor delas.

O modo como cada uma se direciona a outra demonstra amizade e companheirismo. É como se procurassem entre si o amparo. Que, apesar de tudo, permanecem juntas. Por fim, a imagem transmite uma imagem positiva, de solidariedade entre as crianças. Embora haja perdas, uma continua pela outra, em uma importante demonstração de afeto.

Figura 15 – Homens observam duas crianças brincando em frente à casa destruída em Khan Younis.



Fonte: Salem, 15 de maio de 2024.

Na imagem, percebe-se um cenário de destruição, no qual casas foram ao chão. Ao centro, uma construção parcialmente destruída parece ainda servir de abrigo para uma família. Dois homens sentados à porta, um já idoso, observam dois meninos brincando à sua frente. Eles estão em primeiro plano, desfocados, e brincam com um objeto não identificado.

Apesar do ambiente em ruínas, os homens transmitem tranquilidade na cena. As crianças também estão entretidas com a brincadeira, e não parecem se incomodar com o ambiente degradado.

A escolha do fotógrafo em desfocar as crianças desperta curiosidade. Ainda assim, elas se destacam na fotografia, sendo a primeira coisa a ser captada pela câmera. Ao contrário das outras imagens, nessa o fotógrafo não parece ter passado despercebido, uma vez que o menino da direita olha para a câmera, e os homens também olham nessa direção.

Essa é outra imagem que parece representar uma cena cotidiana, de adultos observando crianças brincarem na porta de casa, e poderia ser feita em qualquer lugar do mundo. Mas, de novo, os escombros nos lembram que essa não é uma fotografia qualquer, e que as pessoas retratadas nela estão vivendo um período difícil.

O contraste percebido na fotografia está relacionado ao uso que se faz das ruínas. A casa, que não está intacta, continua servindo como abrigo. As casas vizinhas já não existem

mais. Mais uma vez, Salem reforça a força dos palestinos, que, sem escolha, habitam construções destruídas, sem deixar de apreciar momentos de amizade e contemplação.

Figura 16 – Homem carrega filhos enquanto caminha entre destroços em Khan Younis.



Fonte: Salem, 3 de julho de 2024.

O homem caminha na direção oposta do fotógrafo. As duas crianças têm o tronco apoiado nos ombros dele, de forma que a cabeça delas fique de frente para a câmera. Além deles, não há mais nenhuma pessoa na cena. O cenário é de abandono.

À esquerda, o terreno encontra-se alagado. Ao fundo, prédios parcialmente destruídos compõem a imagem. À direita, localiza-se um carro destruído no meio dos escombros. Não é possível entender o motivo que os levam a atravessar o terreno, mas, obrigatoriamente, terão que passar pelos entulhos que se acumulam na paisagem.

Na legenda da publicação, o fotógrafo esclarece que o homem é pai das crianças. Percebe-se que há uma preocupação por parte dele em não deixar os filhos caminharem no ambiente arrasado, levando os dois nas costas. Pela dimensão que se encontra na fotografia, dá para saber que o caminho a ser percorrido por ele não é curto nem mesmo fácil.

Em uma paisagem predominantemente cinza, as cores das vestes do homem e das crianças se destacam. Seus olhos estão atentos, como se espreitassem algum perigo. Naquele ambiente arrasado, três vidas parecem escapar de algo. A ausência de outras pessoas na paisagem faz crer que ali não é um lugar seguro. Dessa forma, o olhar do fotógrafo vislumbra

outro momento de dificuldades enfrentadas entre pais e filhos crianças, no qual o homem é responsável por protegê-las.

3.2. Resultados e discussão

As dez imagens mostram crianças e seus familiares lidando com as consequências dos ataques aéreos de Israel na Faixa de Gaza. As fotografias têm como traço principal o contraste, que origina um dualismo interessante. Ao falar de morte, não se exclui a vida; ao representar a destruição, abre-se caminhos para a reconstrução; demonstrando a tristeza, ressalta-se a fé.

Assim, o fotógrafo constrói uma narrativa em que a resistência se encontra nos mais simples gestos. Até a sobrevivência, nesse contexto, torna-se uma forma de resistir contra a destruição que paira na Faixa de Gaza.

As crianças fotografadas por Salem se parecem com as crianças de qualquer lugar do mundo: elas brincam, rezam, observam, se entristecem, sorriem, estudam e convivem em sociedade. O que as diferenciam é a condição de precariedade, a evidente falta de uma instituição que as protejam, a miséria, e, outrossim, a resiliência e a coragem.

Dessa forma, o fotógrafo consegue, através do seu olhar, sensibilizar o espectador para os sofrimentos e injustiças que afetam seu povo. Ao olhar para essas crianças e as cenas cotidianas retratadas, é possível vislumbrar algo próximo da experiência pessoal. O emprego do contraste realça a sobrevivência dessas pessoas em um território arrasado. Os escombros e outros elementos dissensuais nos recordam que as situações, apesar de corriqueiras, acontecem em um cenário de guerra, afastando a normalidade da cena.

Algumas imagens que foram feitas do alto lembram a prática da câmera espiã (FIG 8. e FIG 12.), utilizada no jornalismo para capturar cenas que, eventualmente, não haveria consentimento para gravar. Não há elementos o suficiente que indiquem que o fotojornalista usou essa técnica, apesar do ângulo. Talvez o tenha feito, dessa maneira, para interferir, o menos possível, na cena.

Ao não optar por imagens sensacionalistas, mas que de alguma forma mostram o sofrimento, o autor reforça sua sensibilidade ética, de modo a preservar a dignidade da pessoa humana. A religiosidade, os estudos e os momentos descontraídos revelam que essas pessoas buscam seguir com suas vidas, mesmo com os desafios postos. Assim, Mohammed Salem documenta a devastação do território palestino, ao passo que ressalta a sobrevivência e a força do seu povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para saber como as crianças palestinas são retratadas nas fotografias de Mohammed Salem, foi necessário abdicar de duas convicções sociais: a de que a criança é um ser ingênuo, incapaz de agir no seu meio, e a de que a resistência só acontece nos grandes gestos.

Essas fotografias, feitas em um período que a Palestina estava sendo covardemente bombardeada, dizem muito do que é ser palestino. Isso ficou claro nas cenas que representam o cotidiano dessas pessoas, que mesmo vivendo na escassez de recursos materiais e em luto, não deixaram de acreditar que a vida vale a pena. O afeto entre as pessoas é perceptível, seja através do olhar, do sorriso ou do toque. As comunidades palestinas permanecem unidas em todas as ocasiões, sejam elas tristes ou felizes. Ninguém parece estar só.

As crianças não ficam ilesas das consequências do conflito, mas conseguem superar as adversidades estando com seus familiares, amigos e outras pessoas com quem compartilham experiências. São crianças que resistem nos escombros, desafiando o sionismo que tenta interditá-las. Assim, sobreviver é um ato político.

Os fotojornalistas palestinos, em especial Mohammed Salem, encontram no próprio trabalho uma maneira de resistir contra a opressão de Israel. Sem essa visão autoral compartilhada pelo profissional, pouco saberíamos como as crianças palestinas de fato vivem. Quando humanizadas, elas se parecem com as crianças que são próximas a nós. Isso desperta não só compaixão, mas também revolta.

Aqui, a ideia não é a de que essas fotografias vão mobilizar o mundo em torno da causa palestina e provocar grandes mudanças, mas que a narrativa que elas oferecem é diferente das que prevalecem na grande mídia. Salem, um correspondente internacional, desenvolve um trabalho testemunhal importante para a representatividade do palestino. A sensibilidade de suas fotografias permite que os espectadores se aproximem do que elas apresentam, incitando o exercício da alteridade, conhecido popularmente por “se colocar no lugar do outro”.

Dessa forma, as imagens feitas por Salem são disruptivas, pois oferecem outros caminhos para a compreensão do conflito e da questão Palestina, acionando a subjetividade dos espectadores. Elas são, por si, um ato de resistência, “sublevação” nas palavras de Didi-Huberman.

As fotografias escolhidas como *corpus* não mostram mutilações e outras formas escancaradas de violência, mesmo havendo também essas imagens. Com isso, optou-se por compreender as formas mais sutis de violência e sofrimento.

Portanto, as narrativas visuais do fotógrafo palestino colocam as crianças como personagens principais, não só ressaltando a violência que enfrentam, mas como elas criam outras formas de existir diante disso. Considerando a representação da criança na mídia, conforme discutido no segundo capítulo, essa forma de representação é dissensual e instaura um novo regime de visibilidade acerca das crianças palestinas e seus modos de vida.

Neste caso, o fotojornalismo assume relevância em detrimento de outros formatos, pois conta sobre o 7 de outubro de 2023 e seus desdobramentos por meio de um olhar palestino, de modo que o fotógrafo seja o mediador principal entre o espectador e a realidade capturada. Por meio do olhar de outra pessoa, podemos ver de perto o que acontece naquela parte do mundo tão conhecida, porém desdenhada.

Não é confortável mergulhar em fotografias que escancaram o sofrimento; em se tratando do sofrimento de crianças, o desafio é maior. Olhar para as imagens que constam neste trabalho foi tarefa espinhosa, mas também esclarecedora. Enxergar na dor uma possibilidade de ruptura só é possível quando avaliamos a situação mais de uma vez. A cada nova imagem que eu olhava, o sofrimento se distanciava, dando abertura a novas percepções. Aos poucos, os escombros deixaram de significar apenas destruição, e começaram a se parecer com os alicerces de uma sociedade que luta diariamente pela sua independência.

São imagens, pessoas e lugares que sobrevivem contra a desumanização perpetrada pelo regime colonial israelense, e constroem um relato antagônico ao que a propaganda sionista difunde para o mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABED, Mohammed. Menina em frente a ruínas de sua casa, destruídas por bombardeio de Israel em Gaza. **O Globo**, 20 de maio de 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/entre-mortos-ruinas-palestinos-israelenses-contabilizam-estragos-de-11-dias-de-violencia-1-25026846>. Acesso em: 8 ago. 2024.

AL-SHAER, Musa. **Golden PrizePhoto winner 2002**. 12 de Julho de 2022. Facebook @musa Al-shaer. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=412159364286429&set=a.412159334286432>. Acesso em: 9. ago. 2024.

BIONDI, Angie Gomes. O que ainda nos mostram as fotografias de vítimas em conflitos bélicos? o fotojornalismo no campo de uma cultura visual em disputa. **Triade: Comunicação, Cultura e Mídia**, Sorocaba, SP, v. 11, n. 24, p. e023002, 2023. DOI: 10.22484/2318-5694.2023v11id5020. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/triade/article/view/5020>. Acesso em: 02.set.2024.

BIONDI, Angie Gomes; MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. Corpo sofredor: superando narrativas e política das imagens no fotojornalismo. **Brazilian Journalism Research**, v.11, n.2, p. 120–141, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.25200/BJR.v11n2.2015.694>. Acesso em: 12 set. 2024.

BIONDI, Angie Gomes; MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. Crying girl on the border: a colonialidade de gênero na fronteira das imagens. **Pauta Geral - Estudos em Jornalismo**, [S.l.], v. 7, n. 1, p. 1–20, 2020. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/15837>. Acesso em: 20 set. 2024.

BRASIL. **Decreto nº 99710**, de 21 de novembro de 1990. Promulga a Convenção sobre os Direitos da Criança. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/d99710.htm#:~:text=D99710&text=DECRETO%20No%2099.710%2C%20DE,sobre%20os%20Direitos%20da%20Crian%20%C3%A7%C3%A3o.&text=Considerando%20que%20o%20Congreso%20Nacional,se%20as%20disposi%C3%A7%C3%B5es%20em%20contr%C3%A1rio. Acesso em: 28 set. 2024.

BUTLER, Judith. Vida precária. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**, São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, v. 1, n.1, p. 13 - 33, 2011. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/18>. Acesso em: 20 set. 2024.

CARDOSO, Rodrigo Castro Forte. **Resistência anticolonialista na ficção científica de Larissa Sansour**. 2024. 132 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2024. Disponível em: <https://www.repositorio.ufop.br/items/9abf6a97-63b2-40a8-a202-eed6bbc85f5f>. Acesso em: 17 fev. 2025.

CARVALHO, Juliana Ferreira de. **A Palestina na mídia ocidental: olhares sobre a violência** no Jornal Nacional. 2022. 137 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2022. Disponível em: <https://www.repositorio.ufop.br/items/d074f81d-d1fe-4b99-b8ee-54905668bf49>. Acesso em: 12 mar. 2025.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Sobrevivência dos vagalumes. Tradução: Vera Casa Nova e Márcia Arbex. **Editora UFMG**, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <https://iedamagri.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/07/sobrevivencia-dos-vagalumes.pdf>. Acesso em: 9 dez. 2024.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. Tradução: Patrícia Carmello e Vera Casa Nova. **Pós: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 206 - 219, nov. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15454>. Acesso em: 16 dez. 2024.

FARAH, Angela Maria. A Representação Visual da Criança na Imprensa Brasileira: uma Análise dos Jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 32., 2009, Curitiba. **Anais eletrônicos [...]** Curitiba: Intercom, 2009, p.1-15. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2099-1.pdf>. Acesso em: 3 fev. 2025.

FERREIRA, Carlos Antero. As ruínas - do poder evocativo à especialização das ruínas, da ruína romântica ao estigma das catástrofes e desastres de guerra - Reflexões de um não arqueólogo. **Estudos Arqueológicos da Câmara Municipal de Oeiras**. Oeiras, v.8, p. 415-430, 2000. Disponível em: <https://eao.oeiras.pt/index.php/DOC/article/view/76>. Acesso em: 11 mar. 2025.

GOMES, Lisandra Ogg. O cotidiano, as crianças, suas infâncias e a mídia: imagens concatenadas. **Pro-Posições**, v. 19, n. 3, set./dez, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/3Z3FZL8H8L6Y34gSXhFP5jd/?lang=pt>. Acesso em: 13 jan. 2025.

IMPARATO, Marcella. A “Imagem-Sintoma” em Georges Didi-Huberman. **ARS (São Paulo)**, v. 22, p. e-213992, 2024. DOI: 10.11606/issn.2178-0447.ars.2024.213992. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ars/article/view/213992>. Acesso em: 27 fev. 2025.

LAGE, Leandro R. (org). **Imagens da resistência: dimensões estéticas e políticas**. EDUFBA, Salvador, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/34654>. Acesso em: 6 fev. 2025.

LAGE, Nádia Nunes. **O corpo-criança em fotografias do Instagram da Reuters**. 2021. 161 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Temporalidades). Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2021. Disponível em: <https://www.repositorio.ufop.br/items/19423c87-55eb-4ee6-8204-b99c9a4a6396>. Acesso em: 19 set.2024.

LAURINDO, Elizangela de Bona; FORMENTIN, Claudia Nandi. Crianças e telejornalismo: como a infância está representada no Jornal Nacional. **Poiésis - Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNISUL**, Tubarão, v. 4, n. 8, p. 456 – 472, Jul./Dez. 2011. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/277214548_Crianças_e_telejornalismo_como_a_infancia_esta_representada_no_Jornal_Nacional. Acesso em: 22 jan. 2021.

MACHADO, Mariângela Ribeiro. **O anacronismo das imagens na exposição Levantes**. 2020. 57 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Práticas Curatoriais). Departamento de Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/221719>. Acesso em: 20 jan. 2025.

MARQUES, Ângela. Política da imagem, subjetivação e cenas de dissenso. **Discursos fotográficos**, Londrina, v.10, n.17, p.61-86, jul./dez. 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/272590466_Politica_da_imagem_subjetivacao_e_cenas_de_dissenso. Acesso em: 10 fev. 2025.

MÁRQUEZ, Francisca. Por uma Antropología dos escombros: O Estallido Social na Plaza Dignidad, Santiago do Chile. Tradução: Patricia Osses. **Revista Estado da Arte**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 411-429, 2022. DOI: 10.14393/EdA-v3-n1-2022-65748. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revistaestadodaarte/article/view/65748>. Acesso em: 18 fev. 2025.

MICHAELIS. **Dicionário brasileiro da Língua portuguesa**. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/ru%C3%ADna/>. Acesso em: 12 mar. 2025.

PINTO, Manuel. A infância como construção social. In: PINTO, M. SARMENTO, M. J (Coord). **As crianças: contextos e identidades**. Braga: Universidade do Minho, Centro de Estudos da Criança, 1997. p. 33-73.

ODEH, Muna Muhammad. Interdição da infância: vigilância na vida de crianças palestinas e o projeto colonial de Israel. **Cadernos de Campo**, São Paulo, vol. 33, n. 1, p.1-7, jun. 2024. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/382567541_Interdicao_da_infancia_e_vigilancia_na_vida_de_crianças_palestinas_e_o_projeto_colonial_de_Israel. Acesso em: 17 fev. 2025.

OMAS, Sálua; SANTOS, Manoel Antônio. Psicologia islâmica: uma visão panorâmica sobre modelos e concepções teóricas da psiquê humana. **REVER** (São Paulo), v.22, n.2, p. 140-154, 2022. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/rever/article/view/57738>. Acesso em: 27 fev. 2025.

SALEM, Mohammed. Agradecimentos ao Prêmio World Press Photo 2024. 25 de maio de 2024. Instagram: @mohammedsalem85. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C7YXEmyo7jY/>. Acesso em: 01 out. 2024.

SALEM, Mohammed. A Palestinian Woman Embraces the Body of Her Niece. **World Press Photo**, 17 de outubro de 2023. Disponível em: <https://www.worldpressphoto.org/collection/photo-contest/2024/Mohammed-Salem-POY/1>. Acesso em: 12 ago. 2025.

SALEM, Mohammed. Fotografias no período de outubro de 2023 a outubro de 2024. Instagram: @mohammedsalem85. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C7YXEmyo7jY/>. Acesso em: 20 nov. 2024.

SAMRA, Mohammed Abu. 360° photos of the destruction in Rafah. 21 de janeiro de 2025. Instagram: @m_abu.samra. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DFGsoSWNoT6/?img_index=1. Acesso em: 5 fev. 2025.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Imaginário e culturas da infância. **Cadernos de Educação**, n. 21, 19 nov. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/caduc/article/view/1467>. Acesso em: 16 fev.2025.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. Sistema de Bibliotecas e Informação. **Guia para normalização de trabalhos acadêmicos**. Ouro Preto, 2023. Disponível em: <http://www.sisbin.ufop.br/servicos/normalizacao>. Acesso em: 26 fev. 2025.

ANEXO A – OUTRAS FOTOGRAFIAS SELECIONADAS NO PERFIL DE MOHAMMED SALEM

Outubro de 2023 a Outubro de 2024. (<https://www.instagram.com/mohammedsalem85/>)













